



SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE ONCOLOGIA
CLÍNICA

Nota de esclarecimento SBOC sobre o medicamento DOSTARLIMAB

Elaboração: Dra. Anelisa K. Coutinho – Diretora de Relações Institucionais e Coordenadora do Comitê de Tumores Gastrointestinais

A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) vem a público esclarecer sobre os resultados de um trabalho apresentado no Congresso da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (ASCO), em junho deste ano, que demonstrou 100% de resposta clínica em um subgrupo específico de pacientes com câncer de reto ao utilizar o medicamento DOSTARLIMAB.

Trata-se de um estudo ainda pequeno que avaliou a medicação DOSTARLIMAB em pacientes com adenocarcinoma do reto localmente avançado, estágios II e III, portadores de uma alteração gênica específica: instabilidade de microssatélites ou deficiência de enzimas de reparo do DNA. A instabilidade de microssatélites (MSI-H) é uma alteração encontrada em menos de 5% dos pacientes com câncer do reto, ou seja, aproximadamente 95% dos pacientes com essa doença não tem essa alteração. Com base em dados de estudos em câncer colorretal e outros tumores, sabe-se que os pacientes portadores de MSI-H são mais suscetíveis a uma forma de tratamento chamada imunoterapia, e o DOSTARLIMAB é uma droga que pertence a essa classe de medicamentos.

Habitualmente o tratamento para câncer do reto localmente avançado é composto de radioterapia, quimioterapia e cirurgia. A ideia dos autores do trabalho, apresentado pela Dra. Andrea Cercek no maior congresso americano de oncologia, o congresso da ASCO, ocorrido em Chicago (EUA) neste ano, foi a de oferecer imunoterapia como tratamento inicial aos pacientes com câncer do reto localmente avançado, avaliar a resposta após 6 meses de tratamento e somente oferecer as formas padrão de tratamento (radioterapia, quimioterapia, seguidas ou não de cirurgia) caso não houvesse

resposta ao tratamento experimental. A boa surpresa é que houve resposta clínica completa, ou seja, ausência de qualquer evidência de tumor residual nos primeiros 14 pacientes avaliados. A expectativa dos autores é ter uma amostra com pelo menos 30 pacientes para este estudo, que continua em andamento. O número de pacientes ainda é pequeno, o tempo de acompanhamento após tratamento ainda é curto (mediana de 6,8 meses) e os pacientes ainda continuam em observação. Mas sem dúvida esse já é um excelente resultado, que pode efetivamente modificar a maneira de tratar esse subgrupo especial de pacientes portadores de instabilidade de microssatélites, com elevada taxa de resposta e os poupando de efeitos colaterais habitualmente relacionados com o tratamento padrão de radioterapia, quimioterapia e cirurgia.

Hoje, na prática oncológica, já se recomenda a testagem de instabilidade de microssatélites para todos os pacientes portadores de câncer colorretal, tanto para rastreamento de uma síndrome genética chamada síndrome de Lynch, como para melhor guiar as escolhas de tratamento, como no caso desse estudo. O teste é simples e largamente disponível em muitos laboratórios de patologia, e é realizado inicialmente no material de tecido da biópsia tumoral. A ciência evoluiu e aprendemos a individualizar os tratamentos, identificando o que melhor se adequa para cada paciente e considerando mutações específicas que possam ser alvo de drogas direcionadas a essas alterações.

A comunidade médica e, certamente a população em geral, comemoraram esses resultados que representam muito e podem mudar favoravelmente a perspectiva de tratamento nesse grupo de pacientes. Entretanto, há de se ressaltar o ainda pequeno número da amostra do estudo, a previsão de maior tempo de observação dos resultados e o fato de estar aplicado a apenas uma minoria dos portadores de câncer do reto.